

Sonhos desfeitos

Maria Helena Souza Patto

Sandra tem 29 anos, é telefonista numa empresa na zona oeste e mora num bairro da zona norte da cidade de São Paulo, muito distante do centro. Nasceu em São Paulo, em 1973, é negra e é a caçula, nascida depois de cinco irmãos, todos homens e bem mais velhos do que ela. A mãe, nascida em São Paulo e descendente de portugueses e italianos, foi empregada doméstica e faxineira, desde os nove anos de idade, e hoje está aposentada. O pai, já falecido, era negro, nasceu no interior do Paraná e veio para São Paulo ainda muito jovem, onde prestou serviços gerais de carregador, jardineiro, mecânico e pintor em firmas e residências. Com nível escolar primário incompleto, ambos deixaram a escola semialfabetizados.

Sandra sempre morou em bairros afastados e mal cuidados da zona norte, em casas de aluguel que mal comportavam todos. Antes de completar dois anos de idade, foi com os pais e quatro irmãos para a cidade natal do pai, tentando fugir das agruras da falta crônica de dinheiro: ameaças de despejo, cortes de luz e de água, falta de comida, impossibilidade de um mínimo de consumo que tornasse a vida mais satisfatória. Em 1978, findo o sonho de mais fartura em outro lugar, a família está de volta a São Paulo, agora composta de seis pessoas, pois um dos irmãos foi assassinado por um grupo de jovens e o pai faleceu por falta de atendimento médico hospitalar adequado, mas a mãe adotou uma menina de três anos para ser irmã e companheira de Sandra.

A trajetória escolar dos irmãos foi acidentada e malsucedida: nenhum deles conseguiu terminar o 1º grau. Sandra e a irmã foram exceções: com muita dificuldade e algumas interrupções, ambas chegaram ao fim do ensino médio. Da escola primária ela se lembra de timidez e medo. Em 1984, na 3ª série, deixou de frequentá-la por ter se sentido humilhada pela professora, o que facilitou seu ingresso precoce no mundo do trabalho: aos 13 anos trabalha oito horas diárias como costureira numa confecção no Belenzinho, onde permanece por cinco anos. Nessa época voltou à escola no período noturno, e aos 18 anos terminou o 1º grau que havia interrompido aos dez. É então que conhece Diógenes (o Di), um ano

mais novo, ele também de origem pobre e filho de pai branco e mãe negra. Pouco depois, a gravidez imprevista. Apesar de todas as pressões materiais e psíquicas vindas das famílias, permaneceram juntos, ora morando na casa da mãe dela, ora em casas separadas. Assim que engravidou, ela deixou a escola: cursava o 1º ano de um curso técnico de nível médio.

Entrevistei Sandra pela primeira vez no início de 2000, quando ela cursava o último semestre do supletivo noturno do ensino médio numa escola estadual. Com 27 anos, ela vivia um impasse: queria cursar uma faculdade – “quero lecionar geografia” – mas, de um lado, estava ciente de que o pouquíssimo que aprendera dos conteúdos escolares não lhe permitia sequer sonhar em vencer a barreira da seleção ao ingresso na universidade pública; de outro, sabia que não poderia arcar com as mensalidades cobradas por instituições privadas de 3º grau. Sua situação era representativa da de milhares de jovens brasileiros que, impossibilitados de cursar a escola fundamental na época prevista, valem-se de cursos supletivos noturnos em busca do tempo perdido. Cursos que, como regra, são de má qualidade – “o supletivo é aquela coisa, dá só o básico do básico do básico”, como ela própria resume. Embora formalmente deem direito ao ingresso em curso superior, na realidade impedem o acesso às universidades públicas ou particulares de melhor qualidade. Ou seja, Sandra era um caso nítido de “inclusão-exclusão” nos termos de Bourdieu: uma jovem pobre que lutava por escolarização, mas com “inclusão” escolar ilusória. Na verdade, entrara num beco sem saída: paradoxalmente, frequentava a escola, mas estava excluída do direito à educação. No ano 2000 a percepção disso era apenas uma questão de tempo.

Apesar do embaraço, acreditava então que, se se valesse de algumas estratégias – prestar o vestibular no meio do ano, para diminuir o número de concorrentes; escolher uma faculdade próxima à sua casa ou a uma estação de metrô, candidatar-se a uma bolsa de estudos, mesmo que parcial, na faculdade particular em que viesse a ingressar – atingiria o seu objetivo. Quando indagada sobre como via o seu futuro, ela foi taxativa: “se eu não conseguir fazer uma faculdade, um horror”. Mas convencida de que “quem se esforça vence”, acreditava na possibilidade de sucesso: “Ah, eu quero. Eu quero e sei que vou conseguir, me esforçando ao máximo. Eu acho que quando a gente coloca uma determinação, a gente consegue”.

O objetivo último era atingir um emprego melhor, para dar uma vida melhor à filha, a ela mesma, à mãe e, se possível, aos irmãos: “Eu acho que com um emprego bom, demora um pouco, mas você encontra uma casinha, um terreno, que é mais barato, você compra um terreno, faz

uma casinha, você começa a melhorar um pouco de vida. Não é melhorar, é você ter o que você merece. Acho que todo mundo merece ter uma boa casa, uma boa comida pra comer. (...) Uma boa saúde, que a gente tem que pagar para ter uma boa saúde. Eu penso nisso, um futuro melhor”.

Naquele momento, ela pôde fazer uma crítica a vários aspectos da política educacional que tornavam precário o ensino que lhe foi oferecido: a deterioração do prédio escolar, a falta de professores, a biblioteca fechada no período da noite, os professores desgastados e impacientes. Terminou o depoimento falando da necessidade de uma escola “mais amiga”: “Se essas crianças de hoje, na adolescência, são rebeldes, depende do problema que elas têm na casa delas, mas se elas vão pra escola e se sentem bem na escola, elas não vão ser tão rebeldes, não vão procurar tanta coisa na rua”.¹

*

Dois anos depois, marcamos um novo encontro. Desta vez, ela fala do sonho “cortado”: não conseguiu realizar o plano de dar continuidade aos estudos. Durante a entrevista, ela inicialmente evita falar nesse assunto: perguntada sobre a carreira escolar, responde com um longo relato de um novo sonho e dos caminhos que vem percorrendo para tentar realizá-lo.

Seu depoimento desenha aos poucos um caso exemplar de luta pela aquisição de algum “controle” sobre a vida. Controle que, no entanto, se depara com obstáculos a cada passo. São muitos os fantasmas que rondam o cotidiano de Sandra: o do desrespeito, que pode assumir muitas formas; o da falta de privacidade e de autonomia; o do desemprego; o da falta de dinheiro e das humilhações decorrentes.

A palavra “aperto” é recorrente em sua fala. A dificuldade material e psíquica que sentiu na casa da mãe desde a gravidez – intensificada, mais recentemente, pelo desemprego de todos os irmãos – tornou-se insuportável. Em tempos de desemprego estrutural, a família extensa, que antes podia ser recurso dos pobres para tentar melhorar as condições de vida nos grandes centros urbanos, pode passar a ser palco de competição, ciúme, inveja, invasão, dependência e controle de uns sobre os outros na luta pela divisão da escassez. Sandra quer diferenciar-se não só psiquicamente da família – “não pareço com nenhum dos meus irmãos” – mas também distanciar-se fisicamente, não sem ambiguidade, da casa materna. Quando localiza a casa em que foi morar, diz: “É como se fosse assim:

¹ Patto (2000), p. 187-222.

o bairro é aqui, lá no final do bairro é onde eu moro. Quando você está chegando no limite da final do bairro, eu moro lá”.

Desfeito o sonho da redenção pela escola, o projeto agora é apartar-se da família de origem e constituir uma família própria e nuclear – só ela, o companheiro e a filha – na qual vê a possibilidade de alcançar a salvação pela cooperação, pelo respeito mútuo, pela cumplicidade, pelo trabalho duro, pela poupança – ou seja, pelo avesso do que acontece, a seu ver, no restante da família. No horizonte, a casa própria e a formação escolar da filha. O projeto não é mais coletivo: agora o plano é conseguir uma situação melhor de modo mais individualista. Os valores passam a ser outros.

Para que isso se torne possível, é necessário atingir controle absoluto das despesas, por meio de contabilidade permanente e incansável – quase obsessiva. Isto requer, por sua vez, controle das emoções, dos impulsos, esforço pessoal, vontade férrea que afaste as tentações que possam desviar a energia do rígido caminho traçado. É preciso também proteger-se das “invasões” dos parentes, seja nas decisões do casal, seja no pouco dinheiro poupado. No cerco fechado pelo neoliberalismo, renasce a “ética protestante”, mas em condições mais adversas do que no início da era do capital: num período de desemprego estrutural, o trabalho escasso é ainda a única saída para a vida danificada.

A religião surge na vida de Sandra exatamente nesse momento. Com ela aprende uma atitude ascética que alimenta um projeto de controle da vida; nela encontra acolhida quando, ao ter visto frustrado o sonho de salvação pelo diploma de 3º grau e ter sido temporariamente abandonada pelo companheiro, sentia-se “aos trapos”. Em suas palavras, “é como se a gente não pudesse andar. E você vai na igreja, você vai lá de todo o coração, acreditando que tem um Deus lá pra te ouvir, pra te consolar”.

A adesão ao Pentecostalismo veio como busca de conforto emocional e como garantia de ajuda material de um aliado poderoso – Deus. Aos filhos que oram, Ele pode até “pagar as contas”. Referindo-se a uma passagem de um salmo da Bíblia – “Oh, Deus! Tu és meu Deus; de madrugada te buscarei” – Sandra nos explica que inicialmente pensou que “de madrugada” se conseguiria chegar a Deus com mais silêncio e sacrifício, mas depois ouviu do pastor uma outra versão: “de madrugada, a fila é menor, por isso Deus atende mais rápido”. Mas os princípios religiosos podem fazer mais: reforçar a “vida reta”, livre de influências

maléficas que possam desencaminhá-la. É como se Sandra soubesse que qualquer “desvio” pode pôr tudo a perder. Talvez por isso, o lema que orienta os fiéis na igreja que frequenta – “ordem e decência” – lhe faça tanto sentido.

Embora no depoimento anterior tivesse revelado alguma crítica da realidade em que os pobres estão imersos – desemprego, baixo poder aquisitivo, má qualidade crescente da escola pública, jornadas de 12 horas diárias de trabalho em troca de um salário ínfimo – agora tudo se passa como se o perigo de fracasso, sempre à porta, e o sentimento de impotência frente a barreiras intransponíveis a levassem a acreditar que tudo depende tão-somente de duas vontades que se complementam: a vontade pessoal de tomar decisões e realizá-las e a vontade divina, “agindo por trás, dando força a cada um”. E a radicalização dos princípios morais é diretamente proporcional ao desejo de “vencer”, ou seja, de sair de um lugar tão destituído da possibilidade de se ter um pouco das rédeas da existência nas próprias mãos.

É isso que, a seu ver, a distingue dos irmãos: incrédulos e dependentes da mãe, eles são responsáveis por seu “fracasso”: “Eu vejo isso nos meus irmãos: fraqueza, não têm postura. Não são aquelas pessoas de tomar decisão. Eles são completamente acomodados”. Mas não só: ela os apresenta também como insubordinados às regras do jogo das relações de trabalho. Nessa ambiguidade que ela desenha ao definir os irmãos está o cerne do drama e o custo subjetivo da inclusão marginal: para manter alguma esperança de dias melhores, eles sofrem a tensão de ao mesmo tempo aceitar e romper as regras que os cerceiam.

Ao falar das conquistas que vinha realizando em colaboração com o marido e a filha, Sandra declarou-se “realizada”. Estava especialmente feliz com o pedido de casamento que Di lhe fizera. Isto foi em 6 de abril de 2002. Quatro meses depois, Di foi morto a tiros no caminho de volta do trabalho. O casamento estava marcado para setembro. As circunstâncias da morte até agora não foram esclarecidas.

Entrevista com uma egressa do ensino médio supletivo noturno

“O ruim é ficar sem o ruim”.

Sandra – Eu... fiz a prova, eu ... me inscrevi no cursinho. Mas não cheguei a passar, né? E... fiquei... assim... Aconteceram algumas coisas entre eu e o Di – o pai da minha filha – que me deixaram... assim... um pouco... abalada... né? Porque ele pegou e foi embora devido a algumas confusões, e aí ele me deixou um pouco desanimada em relação ao estudo. Aí eu... eu comecei a pensar que eu não ia ter tempo pra fazer uma faculdade, mesmo porque onde eu trabalhava exigia seis dias da semana, 12 horas por dia, era cansativo pra eu... Eu entrava às sete, saía às seis, sete da noite. Muito... muito puxado o horário. Então não dava, não dava pra fazer o curso, porque de sábado eu tinha que trabalhar na mesma carga horária. Então, fui... cortando aquilo que eu queria, né? E hoje eu quero que a Stefanie termine os estudos. Porque... até então eu morava com a minha mãe. Então ela lavava minha roupa, ela passava pra mim, eu ajudava ela em alguma coisa, mas tinha mais tempo pra estudar. Mas hoje não. Eu e o Di nos acertamos, né, nós fomos morar... numa casa onde eu tenho que ser a profissional na empresa, tenho que ser mãe e esposa, então não dá pra colocar mais uma... “eu vou fazer uma faculdade...”. O máximo que eu posso fazer é um curso e... olhe lá! Quero fazer um curso no meio do ano, vou ver ainda minhas condições, se eu vou ter como pagar esse curso... eu também não sei o quê, mas alguma coisa eu vou ter que fazer, porque o mercado está exigindo, né? Então pra que eu não fique pra trás, eu tenho que pelo menos colocar mais um... mais um item no meu currículo, né? Pra que o meu currículo sempre seja bom... para as empresas. E... não foi fácil logo depois da nossa última conversa, porque... devido a minha família e a família do Di interferir no nosso relacionamento, né? Deu um estalo nele, ele pegou e foi embora pra Santa Catarina e me deixou. Eu fiquei... arrasada, mas ao mesmo tempo me fez amadurecer, que eu não posso viver em função do pai da minha filha. E depois de uns três dias que ele foi embora ele voltou, né? E ficou na casa da mãe dele, só que ficou com vergonha de me procurar. Mas ele ligava da rua, não sei da onde que ele ligava. E aí a gente foi conversando, mas tinha muita... a minha mãe tinha muita raiva pelo que ele fez comigo, a mãe dele não queria que nós reatássemos a nossa união, e... ficou muito complicado, ficou muito complicado, não foi fácil. A gente... conversou escondido, a gente se acertou escondido dos olhos dos nossos familiares e começamos a nos encontrar escondido

dido. E hoje... eu acho que o que eu fiz foi o certo... por ter optado... por ter ficado com o pai da minha filha, senão eu ia ser mais uma mãe solteira, né? Com a... filha... sei lá... perturbada pelo fato de não ter um pai, porque a criança sente... a presença. A gente teve muitos altos e baixos, desde o início. Parecia que... não ia dar certo, né? Mas hoje a gente... acho que nós tomamos consciência do que é constituir uma família, do que é pôr uma filha no mundo e colocar ela no caminho certo. Quando nós partimos pra nossa casa, pagarmos aluguel, água, luz e... despesas de casa, nós estávamos precisando disso. Porque até então, quando fica na barra da mãe, vem tudo fácil, a gente não cresce, a gente fica dependente daquilo, acha que tudo vem fácil, e... nada vem fácil! Acho que a gente só dá valor pras coisas quando nós derramamos o nosso próprio suor. O homem tem, por obrigação, acho, que manter a mulher. Mas senão, a mulher tem que sair e ajudar o marido pra que eles venham a construir... um futuro. Construir uma vida tranquila pra filha, deixar alguma coisa pra filha, pra que ela não venha a passar pelo que nós passamos: dificuldade, aperto, não querer... não poder fazer uma faculdade por não ter dinheiro. (pausa longa) Não quero que isso aconteça com ela.

– *Então você não fez faculdade também porque não tinha dinheiro, não é?*

Sandra – Porque é difícil, né?

– *Você no começo pôs mais ênfase na falta de tempo...*

Sandra – É...

– *Mas teve a questão do dinheiro também?*

Sandra – Eu acho assim: a minha gravidez... não veio numa boa hora, né? Eu... a gente passa por aquele tempo, depois a gente analisa... Se eu não tivesse engravidado eu teria me esforçado ao máximo pra fazer uma faculdade... do Estado. Porque eu ia ter tempo. Porque a criança nasce... aí é que a gente ouve: “Não, o filho é teu, você que tem que criar”. Você tem que assumir os seus erros, tem que assumir as suas responsabilidades. Não digo que gravidez é um erro; acho que fora... do seu planejamento é um erro. Porque você estraga totalmente a sua adolescência. O tempo que você tinha... Eu engravidei com dezenove anos, já havia perdido algum tempo da escola pra poder trabalhar, pra ajudar em casa, tive que parar pra ir para o serviço. E isso atrapalhou muito porque... até a Stefanie não ficar mais dependente de mim já se passaram cinco anos. Mais nove meses de gravidez, já se passaram seis anos praticamente.

– *Você parou de estudar até ela fazer cinco anos?*

Sandra – Parei. Parei, parei pela... Vergonha. Pela vergonha de ir pra escola, até então eu estava no 1º ano do ensino médio... estava grávida, e tinha vergonha de ir pra escola, o pessoal vê, “ah, olha! Ela engravidou!”, comentários. Isso me fez parar de ir pra escola. (...) Não é todas que dão sorte. Eu posso dizer que dei sorte. O Diógenes, por mais defeitos ou problemas que ele tinha, ele sempre estava ali do meu lado. Sempre demonstrando que ele gostava realmente de mim. Mas é difícil de colocar isso na cabeça da adolescência... de hoje, né? Eu falo muito isso pra Stefanie: “Olha, estuda, estuda. Hora de brincar é hora de brincar. Hora de estudar é hora de estudar”. Eu procuro colocar isso pra ela. E, graças a Deus, com a Stefanie na escola eu não tenho problema. Mas eu não quero que ela venha passar pelo mesmo processo que eu passei, eu quero muito conversar com ela sobre sexo, sobre namorado. Eu acho que... pelo fato de eu engravidar com 19 e ele ter 18, é aquela tal coisa, nada, nada, nada está preparado pra suportar isso. Porque nem eu queria, ele também não, mas ele ficou empolgado. E hoje, dez anos quase, eu acho que a gente vê amadurecer, de menos de um ano pra cá a gente vê amadurecer e toma consciência que é isso que a gente quer... A nossa vida é assim: nós controlamos a nossa vida. Nós morávamos na casa da minha mãe, onde todo mundo colocava o bedelho, todo mundo dava palpite, e a gente sempre brigava por isso. Quando não era a minha família, era a mãe dele, né? Sempre a mãe dele... sempre dando palpite, sempre acusando, sempre levantando mentiras, fazendo com que a gente brigasse e... muitas coisas. Então hoje, na nossa casa, a gente tem um lema: “tudo que acontece lá não sai de lá”. Não sai. Porque... na casa da minha mãe, nós não podíamos comer alguma coisa que ia fazer falta pra um. Se a gente quisesse comer, tinha que comer longe, mas sem avisar que ia comer, porque senão quando a gente chegasse: “Poxa, vocês foram comer e não trouxeram nada?” Então, se a gente compra uma pizza, a gente come lá, ninguém precisa saber, a gente compra uma roupa nova, ninguém precisa saber quanto foi, onde foi; se a gente compra um calçado, se a gente paga ou não paga uma conta, é... uma coisa que pertence só a nós. Só a mim, ao Di e à Stefanie. A minha mãe é uma ótima pessoa, eu devo a ela tudo que sou, devo a ela tudo que tenho, meu caráter eu devo a ela. Só que eu também reconheço que ela foi falha... nesse detalhe. Porque não foi só comigo. A minha irmã também engravidou antes do tempo. E talvez se ela não tivesse tido vergonha de... conversar com as filhas, talvez isso não tivesse acontecido.

– Você me disse que vocês descobriram que queriam se casar na hora que foram morar juntos...

Sandra – Isso...

– E que você também mudou, porque você antes achava que... tinha que ficar cobrando...

Sandra – Eu assumi a responsabilidade. Porque assim: como ele nunca teve os pés no chão, eu ia à frente, né? Hoje não, quando ele perdeu o emprego, eu falei: “Olha, você é o homem da casa, não sou eu”. Dou palavras pra ele de conforto... né, pra que ele venha a ver a mulher que ele tem em casa. A mulher que... ele pode chegar em casa sem medo de falar: “estou desempregado. E agora?” Eu ajudo, ajudo sim: “A gente dá um jeito, a gente se vira de um lado, se vira de outro e vamos esperar. Você tem profissão, uma boa profissão, você não fica desempregado por muito tempo”. E foi uma semana depois nossa conversa, eu estava, era num domingo, e... nós estávamos conversando e ele me abraçou e perguntou se eu queria casar com ele. Então a gente vai dar um jeito e vai casar este ano. Vamos planejar, fazer a continha direitinho, assim que ele começar a trabalhar de novo, a... pagar, pagar, pagar todas as contas, porque a gente ficou meio atribulado, né? Com contas pendentes, em atraso. Então é uma coisa que ninguém, ninguém dos nossos familiares apostavam. Ninguém apostava que ia... ser desse jeito. Hoje a minha mãe olha, meus irmãos falam pra mim também: “O Di mudou muito”. Mas eu também aprendi com ele. E... não pode ser tudo a ferro e fogo. Mas não foi só ele que mudou. Em também mudei meu jeito. Que eu acho que quando a pessoa está junto, uma tem que andar igual à outra. Senão não adianta, né? Respeito... a gente tem muito, muito, muito, a gente tem muito respeito um pelo outro.

– Você se emociona, não é, Sandra, quando fala sobre isso... E você começou a ficar muito emocionada quando disse que quer construir uma relação de respeito nesse seu novo núcleo familiar: você, seu marido e sua filha. Você traz esse tema do respeito e começa a me contar uma história – a sua história – que... você sente que foi uma história muito marcada por desrespeito. É isso?

Sandra – É. Eu... eu sempre respeitei as pessoas, até hoje. Acho que nunca vou encontrar um motivo pra... não tratar bem uma pessoa. Tem coisas que eu não falo pra não magoar as pessoas. Eu prefiro me magoar. Minha sogra, ela fez muitas ofensas. A minha mãe também, em conjunto com os meus irmãos... – que os meus irmãos são, assim, uma “maravilha” (irônica) de irmãos, né? Às vezes a gente – eu e ele – fica se lembrando do que

aconteceu e como aconteceu. Às vezes, nós nos culpamos, porque permitimos que eles todos viessem dar palpite no nosso relacionamento, viessem ajudar no enxoval da criança, até no nome, né? Não foi fácil não. Acho que a vida... não é fácil.

– *Pelo que você está dizendo, Sandra, vocês estão se propondo a assumir o controle das suas próprias vidas, é isso?*

Sandra – É. É bem por aí. A gente está... cansado. Mas nós tomamos essa decisão. Ninguém vai entrar aqui na nossa casa, pra falar da cortina, pra falar do aluguel, pra falar da conta de água. Não vamos permitir. E a gente só consegue fazer isso não passando nada pra fora, né? Não passando nada. Nem eu, nem a Stefanie, nem ninguém. Eu só vou lá quando me sobra um tempinho. Trabalho de segunda à sexta. Às vezes tem alguma coisa pra fazer na igreja, né?

– *Ah, você vai à igreja? Me fale um pouco sobre isso...*

Sandra – Eu acho que foi na igreja que encontrei forças, né? Pra... ir levando a vida. E sou um pouco criticada por isso: “Ah, você não tem que ficar muito tempo na igreja, que não sei o quê...” Quem mais critica é a minha família, né? Eles são assim... “discretos”, né? (irônica)

– *Qual é a religião deles?*

Sandra – É o espiritismo.

– *E a sua?*

Sandra – Cato..., é.... evangélica.

– *E qual das igrejas evangélicas?*

Sandra – Pentecostal. Agora o Diógenes também está indo... Porque... é como se a gente não pudesse andar. E você vai à igreja, você vai lá de todo o coração, acreditando que tem um Deus lá pra te ouvir, pra te consolar. E... eu comecei a ir à igreja tem um ano. E foi mais ou menos no tempo que eu e o Di estávamos separados e nos encontrando escondido. Foi lá que eu encontrei... força, até coragem pra tomar certas decisões. Porque todos vieram contra mim, quando eu disse que ia sair de casa. (pausa) Porque foi assim, de uma hora pra outra: “Vamos alugar uma casa?” – “Vamos.” Nós não tínhamos os móveis da cozinha. E a minha irmã falou assim: “Olha, a Patrícia está alugando uma casa, vai lá ver”. E quando nós fomos ver a fundo, com essa mulher que ia alugar a casa, o inquilino saiu devendo aluguel e deixou os móveis da cozinha. Ah, foi nessa mesma que

nós entramos. Fui muito criticada. Muito. E... só na igreja, com aquelas irmãzinhas que a gente... a gente confia, que a gente sabe que delas não vai sair nada.

– *Quem são as irmãzinhas? Como é que funciona a igreja pentecostal?*

Sandra – É... as irmãzinhas que eu falo é um grupo de oração. Hoje eu faço parte desse grupo de oração. Mas quando eu ia à casa da minha irmã, eu sempre conversava com a cunhada dela, ela sempre tentando me levar pra igreja. “Ah, não, não vou.” Mas foram elas [as irmãzinhas] que... que me seguraram, porque eu cheguei na igreja aos trapos, indecisa: “Será que eu vou, será que eu não vou? Será que vai dar certo com o Diógenes desta vez? Eu vou estar saindo da casa da minha mãe, saindo da proteção dela, da saia, vou estar saindo da saia. E se não der certo?” Aquele monte de dúvidas, né? Então, foi isso que pesou, esses conselhos delas: “Olha, você tem a Stefanie, ela precisa ser criada ao lado do pai”. “Sandra, olha, pela fé eu já vejo o Diógenes mudado.” E (pausa) a gente... então eu vou pra igreja. Comecei a..., a ir aos cultos, ia uma vez por semana... Aí, depois de um certo tempo, comecei a ir duas vezes por semana... São três cultos na semana: domingo, terça e quinta. Quando eu vi, eu já estava indo todos os dias na igreja, já estava na minha casa, já estava com as minhas contas todas arrumadas, né? Porque parece... assim... que a gente sente falta quando a gente não vai pra igreja.

– *Do que você sente falta?*

Sandra – Da paz. (pausa) Dá uma paz assim de conhecer a Bíblia, de conhecer a escritura do Senhor, né? Porque o que eu ouço na igreja eu passo para o Di; então, querendo ou não, ele vai... sendo mudado. Ele vai vendo que o jeito que ele pensava não era certo. (...) E é tão... engraçado, porque às vezes, quando eu discuto como Di, que fico chateada – que não tem casamento que não... – às vezes ele faz alguma coisa, eu não gosto, a gente conversa, eu fico chateada. É imediato: aí a irmãzinha olha pra mim: “Você não está bem, né, meu amor? Então está bom. Dá a mão aqui que nós vamos orar”. E fica assim, o culto todinho segurando a minha mão. Quando eu saio de lá eu nem lembro mais como que eu entrei. Porque hoje em dia nós temos que ter uma religião pra nos segurarmos. Pra... nos orientar. Fazer tudo o que é certo, não fazer o errado. Agradeço pela mãe que tenho, mas tudo é pela vontade de Deus. Sabe, eu não teria a mãe que tenho se não fosse por vontade Dele. Aí chego naquele ponto: “É, mas será que engravidei também pela vontade de Deus?”

– *Você começa a reler a sua vida, a partir da vontade de Deus...*

Sandra – Isso. É... e aí fica complicado. Fica complicado porque... a minha mãe, ela sempre teve uma aceitação para o lado do espiritismo, o que não é bom, porque eu não acredito nessa religião.

– *Quando você morava com a sua família, você era praticante de alguma religião ou você não tinha relação com religião?*

Sandra – Não, não. Nem com a religião da minha família, nem com outra.

– *Esse encontro com a religião é mais ou menos recente, não é, Sandra?*

Sandra – É recente. É coisa de um ano pra cá, é coisa de um ano. E a gente para pra pensar e analisa tudo que aconteceu, talvez influência de... de coisas que a gente não vê, né? Mas que... a Bíblia fala que está aí ao nosso redor.

– *O que é que está ao nosso redor?*

Sandra – É assim... potestades...

– *Como assim?*

Sandra – Essas coisas... do maligno, né? Porque a Bíblia fala – não sou eu – a Bíblia fala que ao nosso redor estão os anjos do Senhor nos protegendo e nos guardando de todo o mal. Mas ao nosso redor estão os nossos inimigos, esperando só um espacinho que a gente dê pra ele entrar. Aí é onde ele estraga a vida das pessoas, onde... usa a fraqueza da pessoa – se a pessoa tem fraqueza pra beber, você vai beber mesmo, até cair... Não é normal essas coisas. Não é normal. Porque você não precisa nem ler a Bíblia. Se você pegar uma fita da vida de Jesus, você vai ver que ele levou toda a nossa dor, toda a nossa doença, toda a nossa pobreza pra cruz. Ele deixou a salvação pra nós. Nós não tomamos posse ainda disso. Tanto que nós... a gente sabe, mas não quer acreditar. Ele já levou tudo.

– *A dor, a pobreza...*

Sandra – Ele levou, porque ele... é humilde. E as pessoas não acreditam nisso. Até eu, antes de ir pra igreja, eu tinha uma ideia... dirigida pela minha família, lógico: “Imagina, isso aí é um bando de doido. Crente? Ih, não quero ver crente na minha frente!”

– *Há algumas modalidades de crentes?*

Sandra – Isso. O que diferencia é assim: em determinadas igrejas pode usar saia, outras não... Numas você tem que entrar com véu, noutras não. Umas proíbem cortar o cabelo, outras não...

– *E a sua?*

Sandra – A minha? Na pentecostal em si você tem liberdade. Desde que você não abuse da sua liberdade. Porque o pastor vai vir cobrar. Então tudo é... com ordem e decência.

– *E essas são as palavras, digamos assim, que orientam os fiéis? Ordem e decência?*

Sandra – Isso. Ordem e decência. Respeito pelo outro. Depois que eu vim pra igreja, eu comecei... a ter, a querer mais respeito, a querer que ninguém viesse interferir na minha vida. Ainda acho que a igreja teve uma grande influência nisso. Porque eu quero viver a minha vida. E a Stefanie também, ela já tem uma visão...

– *Ela também está sendo introduzida nessa religião?*

Sandra – É... É. Porque eu acho assim: muitas pessoas podem dizer que é loucura, mas eu acho que é você guardar a sua filha. Porque se a sua filha sai na rua com um minishort, com uma miniblusa, aí aparece um... tarado pela frente, vai fazer o quê com a tua filha? Está à mostra, está se expondo. Está expondo o corpo dela. Quando ela vai brincar com a vizinha – que não é sempre – se ela está de saia, ela vai pôr um bermudão pra brincar. Se a gente for parar pra analisar, só pelo amor de Deus acontecem algumas coisas, né? Porque ele conhece as nossas necessidades. Teve um dia que, numa sexta – eu trabalhava num outro emprego e tinha taxistas lá – eu falei: “Ah, Di, não tenho dinheiro. Ai, desta vez eu não vou pedir pros taxistas emprestarem dez reais. Ai, você vai ter que pedir no serviço”. “Ai, tá bom, mas eu tenho vergonha de pedir”. Falei: “Ai, Di, você vai ter que dar um jeito. Pede só dez reais pra gente passar o final de semana”. E naquela semana, lá no serviço dele, eles tinham feito hora extra todos os dias, pra soltar um serviço. E na sexta-feira, simplesmente do nada, veio um cheque pra ele. O patrão falou: “Olha; vou dar cinquenta reais pra você e cinquenta reais pro outro rapaz, porque o serviço saiu bom, saiu bonito, o cliente gostou, então eu quero dar este presente pra vocês”. E isso porque nós estávamos precisando só de dez. Né? Então... assim: quando a gente está na igreja, a gente percebe que é uma obra de Deus, ele conhece a necessidade dos seus filhos. Fomos ao mercado, compramos alguma coisa que estava precisando, faltando em casa, comprou uma misturinha melhor... e amém. Não é?

– *Você acha que Deus ajuda a enfrentar as dificuldades do dia a dia...*

Sandra – Eu... tenho convicção disso. Eu tenho convicção disso. Porque... a palavra do Senhor fala que se nós tivermos um grãozinho de fé, um grão de mostarda, se nossa fé for deste tamanho, Ele vai nosabençoar. Então, assim: eu vivo pela fé. O Di também está começando a viver pela fé. E nós temos conseguido... recompensas, né? Presentes do Senhor. O Senhor coloca a mão Dele e sempre ajuda...os filhos que adoram a Ele, né, que louvam Ele, que oram pra Ele, né? Falar da vida de Deus, da vida de Cristo é assim: não tem limites, ele é o dono do ouro e da prata. As pessoas que não frequentam a igreja, não conhecem essa parte. A Bíblia ensina, ela instrui a palavra do Senhor sempre aos nossos corações, faz com que a gente tenha mais calma, mais... mais sabedoria pra lidar no dia a dia. Como agir com alguém que nos ofende. E hoje eu sou satisfeitíssima com o marido que eu tenho. Porque... ele me respeita, ele... cuida de mim – até então eu que cuidava dele, né, fazia papel de mãe. Ele cuida de mim, ele se preocupa mais com a Stefanie: “Olha, o sapato da Stefanie precisa trocar. A gente tem que dar um jeitinho de apertar esse mês, pra comprar roupa pra ela.” Ter um marido que não bebe, não fuma. Antes, quando nós morávamos na casa da minha mãe ou ele na mãe dele, ele até saía com os amigos, mas hoje, na nossa casa, não, ele fica em função da família. Eu fico... satisfeita, e ao mesmo tempo alegre... realizada, né? (chora). Pra muitas pessoas isso pode ser pouco, mas pra mim é o suficiente, ter um marido que me honra, ter um marido que se preocupa comigo, se preocupa com a filha dele, se preocupa com o orçamento da casa, “olha, no mês que vem dá pra comprar isso”, “vamos colocar na ponta do lápis o que tem e o que vai sobrar”. O que eu quero pra mim é ter a minha vida, com o meu marido, sem interferência... da minha família, sem interferência da família dele. Espero que a gente venha a ter uma família... (chora) forte, unida, onde um pode confiar no outro, onde a minha filha pode chegar no pai e falar: “Pai, eu não gostei desta atitude. Vamos conversar?” Sempre ter o diálogo, que... na minha família nunca teve. Tinha muito um criticando o outro, um falando mal do outro.

Hoje, eu encontro na igreja aquilo que eu não encontrei na minha família, né? Encontro no meu casamento hoje, na minha casa. A gente passa aperto? Passa. Todo casal passa. Isso é normal. Nós vivemos num mundo, hoje, que... a situação financeira está precária, entendeu? Então, sempre vai ter aperto, sempre vai ter aperto, mas depende sempre de você se controlar. Porque... senão sempre vai ficar endividado. Sempre vai ficar apertado. Nunca vai sair daquele... nunca vai sair do vermelho. Eu me

sinto realizada por isso, porque a gente consegue o controle. A gente se apertou pelo fato dele ficar desempregado, e...

– *Ele ainda está desempregado?*

Sandra – Não, não. Não. Já conseguiu outro. Naquela segunda-feira... nós [ela e eu, em 2000] conversamos num sábado, né? Quando foi no domingo ele comprou o jornal – e eu nem queria que ele comprasse o jornal! Mas ele foi, comprou o jornal, na segunda-feira ele foi e... fez teste durante três dias e... ficou indeciso se ele trabalhava de noite ou de dia. Falei: “Ai, Di. Di, de noite não. A noite foi feita pra dormir, pra descansar. Você não vai trabalhar a noite.” Ele vai trabalhar das duas da tarde às dez da noite. Então tudo bem, né? Já está trabalhando numa empresa boa, é uma... é uma gráfica e editora, né? Até então ele só tinha trabalhado em gráfica, gráfica, gráfica. Quando você coloca seu currículo que é uma gráfica e editora, já melhora. Tá trabalhando com uma máquina que ele nunca conheceu, umas máquinas novas, umas máquinas importadas. Ele já se adaptou à máquina, passou no teste, já foi registrado.

– *Sandra, você me disse há pouco, e de novo emocionada, você disse que se sente realizada. Que está sentindo paz interior.*

Sandra – É...

– *Mas você se referiu, mais lá atrás, a um momento da sua vida, depois daquela vez que nós conversamos, em que estava terminando o colegial e queria tentar fazer uma faculdade, você estava apostando muito... nesse caminho da escola. E você hoje me disse, num certo momento, que... aqueles planos seus foram sendo cortados. Você usou a palavra “cortados”.*

Sandra – É.

– *Como é que fica isso pra você hoje? O fato de esses sonhos terem sido “cortados”...*

Sandra – (pausa longa) Incapacidade. Acho que... eu me deixei levar pela situação. É como... é como se tivesse um muro ali e você não querer pular o muro. Só que pra mim esse muro tinha muita coisa, muita pessoa envolvida. Poderia...ter me empenhado. Poderia ter mudado de emprego. Poderia, né? Poderia ter... procurado um outro que conseguisse levar, ir pra outro emprego. Mas demorou.

– *Sei. Mas você conseguiria pagar uma faculdade com o salário que você ganha atualmente?*

Sandra – Não, não. Pelo que eu ouço das meninas que trabalham lá [na firma] – que são todas adolescentes – a faculdade vai de 400 pra cima. O meu salário é de 600 reais. Então, não dá.

– *Mesmo que você tivesse, naquela época, trocado de emprego – ainda não daria?*

Sandra – Não daria porque o salário era menor ainda. E... como estávamos separados, naquela confusão, eu não queria jogar a Stefanie pra minha mãe cuidar... pra eu ter que estudar. Então, eu preferi não fazer por *n* motivos: pela Stefanie, pelo emprego, eu ia ficar muito cansada. E onde eu trabalhava tinha que ficar de pé, indo de um setor para o outro, ia me desgastar. O sábado, que eu teria pra fazer um trabalho da faculdade, eu estaria trabalhando. Não teria como pesquisar. Porque eu entraria às sete da manhã e sairia às sete da noite. Então... São circunstâncias que me... impediram de ter uma faculdade. Queria muito fazer. Eu queria muito fazer geografia.

– *É, eu me lembro.*

Sandra – Né? Eu... estar lecionando. Eu gosto muito dessa matéria. Mas não foi possível. E também não quero pegar essa minha frustração na Stefanie. Eu quero sim é que ela venha a estudar o que ela quiser. Quero que ela venha a... se formar, pra que ela... Porque se hoje uma pessoa que quer procurar emprego já está difícil com o estudo, que dirá daqui uns 12 anos, daqui uns dez anos, uma pessoa sem estudo! Vai ficar muito pior.

– *Então você acha que ter um diploma universitário, fazer uma faculdade, ajuda a conseguir emprego, mesmo que não seja naquela área que você estudou. É isso?*

Sandra – Consegue. Onde eu trabalho, mandaram três digitadores embora, por que já fazia muito tempo que estavam na função, então mandaram embora. Todas que eles contrataram são universitárias. Primeiro emprego, duas delas é o primeiro emprego.

– *Universitárias?*

Sandra – Todas universitárias. E a empresa recebeu mais de 50 currículos pra analisar. A maioria delas era universitária.

– *Essas moças que entraram com nível universitário ganham mais do que quem não tem o nível universitário lá dentro da empresa?*

Sandra – Não, ganha a mesma coisa. Mas, assim... um diploma... ajuda. Querendo ou não, ajuda. Não tem como falar “Ah, eu não preciso fazer

faculdade, porque a minha profissão não exige.” Porque... as empresas hoje estão dando preferência para aquelas pessoas que têm visão de crescimento. Você está numa faculdade, eles vão analisar você de um outro jeito. “Ela não ficou só no 2º grau. Não, ela está procurando coisa melhor.”

– *Então é por isso que você quer que a Stefanie faça faculdade...*

Sandra – Quero. Só não sei o que ela vai querer fazer. Mas quero que ela venha a concluir os estudos dela. Não quero que ela venha a ter que sair da escola pra ter que trabalhar pra ajudar eu e o Di, né? E nessa hora o Di fala muito que não é hora de termos um outro filho... Talvez a gente fique só com a Stefanie. Por quê? Porque ele pensa nisso, no estudo dela. Uma criança de... nove anos... nós gastamos 90 reais de material. Isso com coisa pequena, sem contar livro, porque a escola do estado fornece os livros didáticos. Mas e quando ela estiver no 2º grau? Imaginou? Você vai te começar a comprar os livros! Passa pra faculdade, os livros são mais caros ainda!

– *Você disse que o Di pretende fazer cursos, você tem planos pra Stefanie. E quais são os seus sonhos agora?*

Sandra – Ah, eu não sei. Eu... eu vivo muito em função... da minha família, né? Eu quero... eu quero que eles venham a fazer. Eu não me preocupo de ficar por último. Eu sempre quis... fazer um curso de inglês, mas é... o tempo. Preciso... organizar direitinho, dar um jeito de arranjar tempo. Fazer um curso de inglês, fazer um curso de informática, um bom curso, porque... a empresa onde eu trabalho, ela dá oportunidade pra crescer lá dentro. Mas assim: primeiro eu quero que ele vá fazer esse curso no SENAC. Primeiro eu quero que ele faça, porque ele tendo um salário maior... eu vou poder pagar o [meu] curso sem apertar o orçamento. Porque eu não sei se eu vou ficar... na empresa que eu estou trabalhando por muito tempo. Então eu já tenho que me preparar pra quando eu for sair, eu... poder competir de igual pra igual com uma outra telefonista. Porque... eu... esse ano completo 29 anos. (pausa). Então... eu... eu... já estou numa idade que logo logo eu vou ser excluída, né? Porque tem empresas que não contratam telefonista acima de... 30. Telefonista em recepção, isso eu sei muito bem, mas... em hospitais ou trabalhar com micro... entendeu? Eu já estou perdendo tempo. Eu já estou numa idade que já não posso mais perder tempo. A não ser que meu marido venha a ganhar um bom salário que eu possa ficar em casa. Mas enquanto isso não acontece...

– *Você gostaria?*

Sandra – Hum... acho que não. Acho que não. Eu acho... acho bonito a mulher que fica em casa, que cuida da roupa do marido, que põe o café, que põe a janta, eu acho até bonito. Mas eu... sempre trabalhei. Então é uma coisa que está... está impregnada. (ri) Acho que depois de nós conseguirmos comprar a nossa casa – não sei quanto tempo vai durar isso... – mas depois da nossa casa vem a Stefanie. É... a minha visão é eu trabalhar até o tempo que for, o que der pra eu trabalhar. Quando me falarem: “Olha, você não tem mais condições pra trabalhar”, então tudo bem, eu vou ficar em casa. Mas enquanto nenhuma empresa falar isso pra mim eu vou estar trabalhando, vou estar... ajudando meu marido. Porque... eu acho que tem que ser mútuo, né?

– *Você fala muito em poupar, não é? Você falou num certo momento que vocês precisam ter um... “refugio pras emergências”, não é? Por que vocês tiveram uma emergência recentemente e ficaram apertados...*

Sandra – É.

– *E agora você está falando em poupança, em planos de comprar uma casa, você está falando em como vai ser caro sustentar a Stefanie nos próximos graus escolares, não é? Quanto é que vocês dois juntos ganham atualmente? Como é que vocês distribuem esse dinheiro? Como é essa parte econômica da vida de vocês?*

Sandra – Antes de ele perder o emprego nós tínhamos uma renda... tínhamos uma renda de 1100 reais... Até então... nós estávamos terminando de pagar os móveis da casa, da cozinha, então nós separávamos 200 para o aluguel, separávamos 150 para os móveis – todos os móveis da cozinha que nós compramos. [Conta longa e detalhadamente todas as contas que têm e a “ginástica” que fazem mensalmente para pagá-las]. Mas quando ele foi mandado embora, a gente se desestruturou. Porque o refugio que a gente tinha era pras contas daquele mês. Aí chegava o pagamento a gente já... pegava um outro refuguinho pra passar até o final do mês. Não pra passar um mês, dois meses. Então, foi onde a gente... se atrapalhou.

– *Você está dizendo que, mesmo quando ele estava empregado, não sobrava. E quando ele ficou desempregado, daí teve que segurar mais ainda...*

Sandra – Teve que segurar, e aí que a gente aprendeu como guardar. Porque... os meus tíquetes [refeição] são de oito reais. Então eu pego... 22 de três reais, e 22 de cinco reais. Então eu comecei a vender pra suprir o dinheiro que não estava entrando dentro de casa, e comecei a ver que com três reais eu comia! Então, quer dizer, se com três reais eu como, eu vendo os de cinco, já guardo dinheiro. Então agora a gente está vendo por

esse lado: quando arrumar as contas, você fica com os de três e a gente vende os de cinco e... banco! Não deixa nem em casa. Porque às vezes aparece um “irmãozinho” assim (irônica)... e aí o coração fala mais alto, né? “Ah, toma, leva.” Agora a nossa renda... [faz contas em voz baixa] é mil e quinhentos reais. Então, rapidinho já vai dar pra gente colocar em dia as nossas contas.

– *É isso que vocês estão pretendendo fazer.*

Sandra – É isso que a gente está pretendendo fazer. Guardar. No meio do ano, tem participação nos lucros. Agora em junho, onde eu trabalho, eles vão me pagar 300 reais, e se a empresa alcançar uma meta de x clientes, vai passar de 1000 reais a segunda parcela da participação. Então a gente quer... guardar, até porque a gente quer também sair daquela casa, aí a gente já vai ter como... se for pra dar depósito a gente negocia, dá dois, e ainda vai ficar um dinheirinho lá guardado. E vai continuar guardando, continuar guardando, continuar vendendo os passes, sempre vai estar repondo, sempre vai estar colocando a mais, com os passes, os tíquetes, sempre vai estar vendendo e vai estar... guardando. Ele também agora, como ele vai trabalhar das... duas da tarde às dez da noite, ele não vai levar marmita, ele almoça em casa... Então... assim: eu não preciso ficar me preocupando, porque o Di é uma pessoa assim – simples. Arroz, feijão e ovo, ele come numa boa. Já se você leva marmita, o pessoal fica olhando: “Ai, coitadinho, está levando um ovo na marmita. Olha, ele só leva salsicha na marmita.” (tom de caçoada). Ou verdura. A gente está em casa, a gente come o que a gente tem, né? Já numa empresa a gente costuma por um pouco de aparência. Se nós não fizermos assim, a gente vai passar aperto. A gente tem que se preparar. O que eu mais temo – eu espero que não – mas, se eu sair do emprego? Vou ter seguro desemprego, lógico, as *n* coisas, mas e se eu ficar desempregada por mais de... cinco meses? Porque infelizmente, nós que tivemos assim... uma vida humilde, a gente compra em prestação. Então a gente faz isso, mesmo porque a gente não tem... aquele dinheiro. A gente acaba pagando juros e ainda corre o risco de... sujar o nome, ou coisa assim, porque a gente não conta com o imprevisto. Mas às vezes... aparece, né? Então... essa é a vontade dele, né? Ele quer comprar uma máquina de lavar. Eu falei: “Agora não é a hora.” Mas quando a gente comprar, vamos comprar à vista, porque eu vou pegar e [dizer]: “Estou com o dinheiro. Quero desconto. Se você não me der desconto, eu não compro.” Então, assim: tem coisas que a gente aprendeu com a dificuldade que nós passamos. Vai ter que começar a comprar o que é ne-ces-sá-rio, não o que é futilidade. Então... assim: ele me ensinou a colocar tudo na ponta do lápis. E depois

que ele perdeu o emprego, a gente intensificou mais. Parece que a gente ficou mais com medo... compra fiado de um, compra fiado de outro... e vai e paga. “E agora? A gente pagou, ficou sem passe de novo.” Aí eu conversei com a menina do RH lá de onde eu trabalho, ela me emprestou. A sorte foi que o Di começou a trabalhar, e os dias que ele foi fazer teste, o dia que ele foi pra pegar... a lista de documentos, a empresa devolveu os passes pra ele. Então, quer dizer, esses passes já vêm pra mim! (risos). Então... é aquela coisa mútua, né? Ele: “Olha, vou deixar os passes aqui na gaveta, você vai pegando, porque semana que vem eles vão dar já o do mês todo.” Falei: “Ah, então tá bom.” Então... assim, a gente vai se virando. Sempre um respeitando o outro e a gente agora... divide tudo, tudo, tudo. Vai desde a limpeza da casa até vale transporte... e às vezes eu estou cansada pra fazer janta, a gente divide o pouquinho de comida que tem... É por isso que eu digo, que eu disse que eu sou... realizada. Porque tem muitos casais que não passam por isso. Não sabem dividir, ou sabem dividir, mas só sabem reclamar. Dividem, mas reclamam. Eu vejo isso pela vida dos meus irmãos.

– *E a que você atribui o fato de você ter isso e seus irmãos não terem?*

Sandra – Acho que é comodismo deles. Acho que é comodismo. Aquela coisa assim de... sempre depender da mãe. Porque todos eles de uma forma ou outra dependem da minha mãe. Sempre. Eu vejo que meus irmãos não cresceram direito. Que a minha mãe sempre está ali. Segurando, dando apoio... Por trás, é dinheiro de condução, por trás é açúcar, por trás é arroz, é café, é um dinheiro pra um remédio... né? Os meus irmãos estão sempre ali, debaixo da saia da minha mãe. Sempre ali. Estão sempre morando perto, sabe?

– *Você não mora perto?*

Sandra – Não muito perto... Mas é no mesmo bairro. É como se fosse assim: o bairro está aqui, lá no final do bairro é onde eu moro. Quando você está chegando no limite do final do bairro, eu moro lá (risos). Mas eu não tenho tempo pra ir à casa da minha mãe. Então eu acho que isso... até facilitou pra que eu não viesse a depender tanto dela, levar os meus problemas pra ela. Eu acho que minha mãe já tem problema demais pra eu levar os meus problemas pra ela. Eu tenho que resolver, eu e meu marido.

– *Neste momento os seus irmãos estão todos desempregados?*

Sandra – Todos, todos, todos. É uma coisa assim... é uma coisa difícil de acreditar. Todos.

– *E a que você atribui o fato dos seus irmãos estarem todos desempregados nesse momento, Sandra?*

Sandra – Os meus irmãos têm um defeito grave: eles não aceitam ser subordinados. Eles querem... mandar no encarregado. Encarregado fala “a”, eles querem falar “a, b, c.” Não pode. Eu acho assim: dentro de uma empresa, você tem... hierarquia. Você é empregado submisso? É empregado submisso. Está ganhando teu dinheiro? Você tem que pensar em sustentar a tua família. Dali que você tira o seu ganha-pão? Então é dali que você vai tirar. “Ah, vou sair daqui, vou procurar coisa melhor!” Emprego está difícil!! Não é que nem quando eu comecei a trabalhar com 13 anos; você andava pelas ruas, você via várias placas: “Precisa-se de costureira”, “Precisa-se de... mecânico”, “Precisa-se de... pintor... de cortador”. Hoje você anda pelas ruas, você não vê nenhuma placa dessas. Não vê! Então, o emprego está ficando escasso! E aquela pessoa que tem o emprego dela, tem que se segurar nele! Não... não vai sonhar demais, achar que tem... emprego melhor. Pode até ter, mas vai ter um funcionário melhor pra ele. Então, o meu irmão foi mandado embora.

– *Qual deles?*

Sandra – O João. Aí ele está lá, disse que vai comprar uma perua com o dinheiro que pegar e que vai trabalhar... por conta, né? Espero que dê certo. Mas... aí ele está se virando... com uns biquinhos. Mas, de domingo, ele tinha que ir trabalhar. Era extra, mas tinha que ir trabalhar – tem que descarregar caminhão, tem que fazer controle, ele era conferente. E não ia trabalhar! “Estou cansado.” Não tem dessa, você é funcionário, você não tem que estar cansado. “Ah, eu não vou.” Chega terça-feira: “Ah, minha pressão caiu, eu não vou trabalhar.” Acaba perdendo o emprego. O Alcides, que saiu de um emprego bom, numa empresa que faz injeção pra... bovinos, mas... o Alcides não consegue controlar a língua dele. Ele fala demais. Fala o que não deve. Fez fofoca lá dentro da empresa e foi mandado embora. Aí foi trabalhar com o João. Respondão, malcriado, começou a... foi onde começou a... a se encontrar com mais frequência com a amante, fazer toda aquela confusão... perdeu o emprego. Por quê? Porque a empresa dava um dinheiro pra ele fazer a viagem, ele gastava tudo na irresponsabilidade. E o João também foi pela mesma coisa. Irresponsabilidade, sabe? De achar que lá estava ruim. O ruim é ficar sem o ruim! Porque mal ou bem, você está colocando comida para os seus filhos comer. Mal ou bem, você está pagando o seu aluguel, entendeu? Se a pessoa não paga aluguel, amém, sorte. Mas se está pagando aluguel você tem que estar honrando o seu compromisso. E pra isso

you tem que se submeter!! Porque até o... encarregado, ele se submete à chefia de alguém. Não tem como! É o peão... querer mandar no encarregado! E o encarregado querer mandar no dono. Eles... têm essa visão: manda o... o chefe para aquele lugar... sabe? Não pode! O Antonio [o irmão mais velho] nunca foi desse jeito, né? Agora ele está numa idade... extrema, está com 50 anos... Então... já vai ficar mais difícil para ele arranjar emprego. Mas ele achou que saindo da empresa de ônibus, ele ia achar coisa melhor. Saiu e não achou. Se ele estivesse lá ele estaria garantindo aposentadoria...

– *Ele é motorista de ônibus?*

Sandra – Motorista. É um serviço cansativo, mas quantas e quantas pessoas mais velhas que ele levantam no mesmo horário, e estão lá na profissão? Não paga mal, paga bem. Era só ele... se controlar. Era a mulher dele também se controlar, né? A dificuldade veio e ninguém aprendeu com a dificuldade. Ninguém aprendeu. Eu às vezes eu falo, às vezes eu brinco, né, falo: “Olha, mãe, não pareço com nenhum dos meus irmãos.” Nós temos que ter controle de tudo que entra, de tudo que sai. O que sobrou, vamos ver o que dá pra fazer.

– *Ouvindo você dizer essas coisas... sobre seus irmãos e sobre a sua relação com eles e a relação com a sua irmã, que é uma irmã... adotiva e que é, como você disse, um pouco excluída pelos irmãos... é como se você também se sentisse de alguma forma não pertencendo a esse grupo familiar.*

Sandra – É mais ou menos assim, né? Eu... não sei o que diferencia. Não sei o que... o que causa isso, eu sei que eu... eu não me pareço com eles. A atitude deles, eu não concordo com a atitude de cada um.

– *Você usa a palavra “controle” com frequência... Então quando você diz “eu não sei explicar”, pra mim é como se você dissesse que o que pode fazer essa diferença entre essas duas maneiras de viver, é ter mais controle sobre as situações, sobre as próprias emoções... você disse que controla também as suas emoções, não é?*

Sandra – Controlo. Controlo muito. Quando eu morava com a minha mãe, eu... eu não demonstrava o que eu estava sentindo. Nunca demonstrei. Ficava quieta... e de noite eu ia lá, chorava e... tudo bem. Nunca deixei transparecer isso, só pra minha irmã. Quando o Di estava me magoando, fazendo coisas erradas, ela sofria comigo. Enquanto que meus irmãos... jogavam pedra, só pedra. Só crítica, só crítica, crítica, crítica. E tem um momento que a gente não quer ouvir crítica. Chega um momento que a gente quer ouvir uma palavra. Então, isso eu tinha com a minha irmã. No fundo ela sofre

também, mas eu vejo isso nela: uma mulher forte, decidida, que não abaixa a cabeça pra nada, que toma decisão, vai e faz e pronto. Eu não sou desse jeito, mas eu admiro ela. Eu acho que é por isso que a gente se identifica. Eu respeito ela, ela me respeita. Coisa que... os meus irmãos... não sei se... por causa do pouco grau de instrução, não sei se foi isso. Ou se é... pelo próprio serviço que cada um tem, vai tendo contato com pessoas daquele nível, e vai ter um nível de conhecimento, de falar... Não sei, pode ser isso, né? Mas, eu... eu... eu desejo o melhor para os meus irmãos. Quero que todos eles venham a crescer, quero que todos eles venham a deixar minha mãe descansar. Mas é o caminho que cada um conseguiu, escolheu...

– *Você fala em “caminho”. E... a impressão que me dá, Sandra, é que você está tentando entender... o que determina que certas pessoas... trilhem certos caminhos e outras trilhem outros... Você diz: “Eu não sei bem, eu não entendo bem que diferença é essa...” Você fala dos seus irmãos, e fala, por outro lado, da força da sua irmã, não é? Você fala... do seu empenho em ter controle sobre a sua vida... Numa certa altura da entrevista, lá atrás, você disse: “Se eu não tivesse ficado grávida, eu teria me esforçado mais pra fazer o melhor possível na escola”. E você fala também que é preciso ter um grão de fé, um grão de mostarda, porque daí Deus olha pela gente... Você foi mencionando todas essas coisas... Eu pergunto pra você: nesse momento da sua vida, como é que você resumira todos esses aspectos que você mencionou? Que balanço você faz dessas determinações todas? Você põe um pouco em Deus, um pouco na força de vontade, um pouco em características pessoais de personalidade – ser forte, ser determinado. Como é que é isso?*

Sandra – Eu vejo assim, pelo ponto de vista de igreja... de evangélica que eu sou hoje. Nós temos que tomar decisões. E essas decisões têm que ser... coordenadas.... por Deus. Porque... o fato de você perdoar alguém é atitude. Então vejo assim: meus irmãos têm que ter uma atitude. E pedir pra Deus – que olha por todos nós – guiar o caminho deles. Você tem que tomar posição, ter uma atitude. Porque... às vezes nós escolhemos o caminho errado sem saber, achando que está certo.

– *Isso cabe aos homens, às pessoas – tomar decisões. E Deus?*

Sandra – Agindo por trás. Dando força pra cada um, né? Porque... foi na igreja, foi em Deus e Jesus que eu encontrei essa força, né? Eu vejo assim: às vezes tem situações... que acontecem na nossa vida que a gente fala: “Não, nessa eu não vou aguentar”, né? “Não vou aguentar”. “Não, é muito pesado, não, eu me decepcionei demais.” Mas quando você ora... ao Senhor – “Senhor, derruba um bálsamo na minha vida... tira esse peso porque... se eu tiver que passar, que o Senhor venha me confortar. Se eu tiver que aprender com essa situação, que o Senhor venha me confortar” – e o

Senhor responde, sabe? Ele conforta, ele derrama aquele bálsamo e você passa pelas dificuldades sem sentir. Mas... os meus irmãos são incrédulos à palavra. “Ai, quando der, eu vou.” Só que... a palavra do Senhor sempre fala que ele tem pressa. Porque todos nós somos filhos Dele, todos nós, né? Uns escolhem uns caminhos... tortos, outros escolhem o caminho... pra chegar até o Senhor, pra que Ele venha nos abençoar. E... eu falo para os meus irmãos tudo que o Senhor tem feito na minha vida. (...) Eu coloco no Senhor essa força. É... como se ele mostrasse o caminho. (...) E... e a gente vai, a gente toma a decisão, de ir pra igreja, sabe, de ... de aceitar. É, dizer um não a essas potestades... que estão ao nosso redor. Eu... eu falo sempre para o Diógenes: “Olha, Di, você tem que parar de ser incrédulo”, antes dele querer ir pra igreja. Você tem que parar, porque uma hora você vai pra igreja, outra hora você não vai, o que é isso? Entendeu? É... a palavra do Senhor é muito complexa, o Senhor fala que reino dividido não prevalece. Então se ele não está comigo na igreja, alguma coisa vai acontecer de mal. Até pra minha irmã, que também é um pouco assim: “Eliane, descansa no Senhor, porque Ele tudo faz por nós. Não adianta se descabelar.” E ela diz: “Imagina se eu não estiver trabalhando! Se eu não estiver trabalhando, quem vai pagar minhas contas – Deus”? Falo: “Olha que Deus paga”. Porque o Senhor tem aberto portas nesse tempo que o Di ficou desempregado. Eu consegui um empréstimo sem ir ao banco, nunca tinha feito um empréstimo. Então são coisas que a gente... É inexplicável, a gente não sabe como explicar, mas você sabe que aconteceu. Então... assim, o reino do Senhor é assim. E as pessoas têm que tomar decisão... atitude.

– *Voltando um pouco à questão da sua carreira escolar. Naquela entrevista que a gente teve há dois anos atrás, você falava também das deficiências da escola pública, daquelas coisas todas que aconteciam, de faltar professor, e você dizia: “O que eu aprendi não me permite passar no vestibular pra uma faculdade pública”. E hoje você diz: “Se eu não tivesse ficado grávida na hora errada, eu teria me esforçado mais, me empenhado mais na escola”. O que significa isso – se esforçar mais, se empenhar mais? Como é que teria sido... se você não tivesse ficado grávida? Como é que você imagina isso?*

Sandra – Eu vejo assim, que naquele tempo, eu sempre trabalhei. Poderia estar me... esforçando pra fazer um cursinho.

– *Você não conseguiu passar na seleção pra bolsa no cursinho. Por que você acha que isso aconteceu?*

Sandra – Ah... é... eu não estava preparada.

– *Por quê? O que você tinha aprendido não era suficiente?*

Sandra – Não, não foi suficiente, porque eu não cheguei nem... nem... na mínima classificação.

– *Mas você atribuiu à gravidez...*

Sandra – Uma que... quando eu engravidei da Stefanie, eu pedi a conta do serviço. E mais... eu enjoei muito, e onde eu trabalhava eram três andares... três andares de escada, eu descia todos eles. E... estava muito enjoada no início da gravidez, os seis meses eu passei...

– *Você teve que parar de trabalhar.*

Sandra – É. Eu tive que pedir as contas e ficar em casa. Depois eu só voltei a trabalhar três anos depois. Perdi tempo, né? Mesmo assim, a Stefanie tinha três anos, pequenininha ainda, não dava... pra estudar à noite. Depois eu voltei... fiz o supletivo, só que o supletivo é “aquela coisa”, dá só... o básico do básico do básico. Você tem o 2º grau “concluído”. Só que eu também não tinha tempo, eu não dispunha de muito tempo pra ficar... três anos lá fazendo o 2º grau, eu não dispunha desse tempo. Eu tinha que correr atrás do tempo que eu havia perdido. E quando... eu fiz a prova do cursinho, não passei, logo depois eu saí de onde eu estava, que era uma empresa terceirizada; eles me tiraram de lá e me colocaram num outro posto, que era naquele posto de 12 horas. Daí impossibilitou tudo. Se não fosse isso, se... talvez eu não tivesse engravidado... Eu sempre trabalhei, pagaria um cursinho por fora, pra me esforçar, pra me empenhar, passar numa faculdade pública. Porque por mais que eu tivesse... por mais que eu sempre tivesse trabalhado, meu salário não era suficiente pra pagar uma faculdade. Então eu ia ter que concorrer a uma bolsa pra que eu viesse a ter... esse plano. Eu não quero entrar na faculdade porque “Ai, eu quero ser historiadora.” Eu quero lecionar. Eu quero passar o que eu aprendi. É uma matéria [geografia] que pouco a pouco o governo está cortando. O governo não quer, quer a cada vez diminuir, diminuir, diminuir, porque pra ele é interessante pegar dinheiro do Banco Mundial e investir em outra coisa – porque o Banco Mundial quer ver os alunos passar, quer ver alunos se formando, e o governo está passando alunos simplesmente que não sabem nada. O meu sobrinho está na 3ª série junto com a Stefanie. Ele não sabe ler, ele não sabe escrever. A minha sobrinha está na 5ª série. Ela não sabe ler, não sabe conta de multiplicar nem de dividir. E a Stefanie, na 3ª série, já sabe. Agora, como que o meu sobrinho chegou na mesma série que a Stefanie, sem repetir? Então é daquele jeito: se seu filho é inteligente, parabéns. Se seu filho não é, parabéns também, porque ele vai passar de ano. Sabe? Então, é... é difícil.

– *Você disse: “Eu quero é lecionar, eu quero passar o que eu aprendi.” Ou seja, você falou... no presente.*

Sandra – É...

– *Você ainda quer? (risos)*

Sandra – Olha, eu até quero, mas eu sei que é difícil. É difícil porque, eu não disponho... de tempo. Então, assim: eu procuro passar... aquilo que eu sei pras minhas sobrinhas que estão ao redor, pras pessoas que estão ao meu redor. Passar um pouco de experiência de vida: “não venham a fazer o que eu fiz. Não venham a fazer o erro que eu cometi. Venham a se cuidar, sabe, venham a se preservar, não venham a sair com um aqui, com outro lá. Venham a se guardar. Venham a ter obediência a seus pais, venham... a trabalhar.” A minha sobrinha Katia, que vai fazer 15 anos, estava trabalhando numa lanchonete. Eu jamais vou querer isso pra minha filha. Pode ser, sim, um serviço... é um serviço digno como outro qualquer. Mas eu acho que hoje você tem condições de estudar, hoje você tem condições de fazer um ano letivo corrido e... terminar os estudos, pra você... querer algo melhor. Você vai ficar atrás de um balcão, você vai ficar para o resto da vida. O que minha mãe sempre falou pra mim é assim: “Eu não quero que vocês venham a ser empregada doméstica, quero que vocês estudem.” Só que, por uma... talvez por uma falta de orientação dela, a gente acabou se engravidando, perdeu estudo, perdeu tempo e... e hoje, pra eu querer voltar, pra eu querer tudo isso, eu tenho que abdicar de alguma coisa. Do emprego eu não posso abdicar. Da minha casa também não, porque quem vai cuidar? Vou deixar para o meu marido fazer? Não posso! Eu queria sim, se eu tivesse tempo.

– *E... diante dessa impossibilidade, como é que fica isso pra você atualmente.*

Sandra – Como fica? Eu... (pausa longa) é... assim... como se fosse... Eu fico... não digo frustrada, mas é uma decepção minha, porque é algo que eu sempre quis e que eu não consegui realizar, né? E um... é, assim ... não... eu acho que eu daria uma boa professora ... Do mesmo jeito que eu sou uma boa telefonista, eu seria boa professora de geografia, né? Então fica assim: é uma... uma frustração, mas que... já está superada. Mas é aquela coisa que fica lá dentro, né? E assim: eu vi os currículos das candidatas ao emprego na firma em que trabalho, eu vi que tinha dois currículos que... estavam fazendo geografia. Então... não sei... eu vejo que as pessoas estão... estão... fazendo faculdade de geografia, aquilo me dá aquela coisinha assim, dentro. Uma certa mágoa, né? Uma frustração mesmo... Mas eu... eu creio que já tá superado. Mas quando eu lembro o que eu queria fazer,

e que, por *n* motivos não deu... Mas o que eu posso fazer agora é ajudar na educação da minha filha, né? Eu quero que ela venha a estudar pra que ela não fique frustrada, que nem eu fiquei, em relação aos estudos.

– E agora você tem a expectativa de que ela realize esse...

Sandra – É, mais ou menos isso, porque, eu às vezes fico pensando: e se a Stefanie chegar na minha idade – talvez grávida, talvez não, talvez com filho, talvez não – e ela não tiver conseguido um bom emprego, não tiver estudado tudo que queria? Então eu não quero que ela venha a passar o que eu passei, né? E eu e o Di, a gente vai se empenhar pra que isso não venha a acontecer.

Entrevistadora: Maria Helena Souza Patto